

PROVA GABARITADA PELOS PROFESSORES DO CURSO POSITIVO

VESTIBULAR PUCPR 2009/2010

Prova Manhã Nº 22



COMENTÁRIO GERAL DOS PROFESSORES DO CURSO POSITIVO

VESTIBULAR PUCPR 2009/2010

PROVA DE LITERATURA

Nenhuma questão com problema no gabarito. Nenhuma falha mais clamorosa. Logo, podemos considerar excelente a prova da PUCPR, novembro de 2009? Excelente não. Apenas boa. Pelos seguintes motivos:

1. Trata-se de uma prova previsível. O aluno que resolveu as provas anteriores da PUCPR notou que o roteiro foi basicamente o mesmo.
2. Algumas questões apresentaram textos longos e não muito necessários à resolução das questões, gerando um desperdício de tempo.
3. A lista de obras propostas como leitura obrigatória é a mais antiga do Brasil. Há 7 anos – isso mesmo: há 7 anos – a PUCPR mantém os mesmos livros indicados como leitura obrigatória. É uma pena.
4. Na história mais recente da PUCPR, tivemos provas bem mais fracas, como a de novembro de 2006. De lá para cá, houve uma boa melhora, principalmente nas provas do meio do ano. Entretanto, é muito pouco, para uma instituição como a PUCPR, contentar-se em apenas fazer uma prova sem erros grotescos.
5. O Vestibular da PUCPR, de uma forma ou outra, contribui para o direcionamento dos conteúdos ministrados no Ensino Médio do Paraná. Logo, a universidade deve pensar nesta prova não apenas como um mero teste seletivo. É necessária uma prova com um nível melhor, com questões mais críticas e mais bem feitas.

Professores Fábio e Braz

PROVA GABARITADA PELOS PROFESSORES DO CURSO POSITIVO

VESTIBULAR PUCPR 2009/2010

Prova Manhã Nº 22



9. Leia com atenção o seguinte trecho, retirado da introdução de *Senhora*, de José de Alencar:

Ao Leitor

Este livro, como os dois que o precederam, não são da própria lavra do escritor, a quem geralmente os atribuem.

A história é verdadeira; e a narração vem de pessoa que recebeu diretamente, e em circunstâncias que ignoro, a confiança dos principais atores deste drama curioso.

O suposto autor não passa rigorosamente de editor. É certo que tomando a si o encargo de corrigir a forma e dar-lhe um lavor literário, de algum modo apropriar-se não a obra mas o livro.

Em todo caso, encontram-se muitas vezes nestas páginas exuberâncias de linguagem e afoutezas de imaginação, a que já não se lança a pena sóbria e refletida do escritor sem ilusões e sem entusiasmos. Tive tentações de apagar algum desses quadros mais plásticos ou pelo menos de sombrear as tintas vivas e cintilantes.

Mas devia eu sacrificar a alguns cabelos grisalhos esses caprichos artísticos de estilo, que talvez sejam para os finos cultores da estética o mais delicado matiz do livro?

E será unicamente uma fantasia de colorista e adorno de forma, o relevo daquelas cenas, ou antes de tudo serve de contraste ao fino quilate de um caráter?

Há efetivamente um heroísmo de virtude na altivez dessa mulher, que resiste a todas as seduções, aos impulsos da própria paixão, como ao arrebatamento dos sentidos.

Fonte: ALENCAR, José de. *Senhora*. Rio de Janeiro: Ediouro, 1997, p. 17.

Considere as seguintes afirmações sobre o texto:

- I. Uma das chaves de compreensão do texto está nessas frases: “O suposto autor não passa rigorosamente de editor. É certo que tomando a si o encargo de corrigir a forma e dar-lhe um lavor literário, de algum modo apropriar-se não a obra mas o livro. Em todo caso, encontram-se muitas vezes nestas páginas exuberâncias de linguagem e afoutezas de imaginação, a que já não se lança a pena sóbria e refletida do escritor sem ilusões e sem entusiasmos”. Revela-se aqui que José de Alencar reprova sutilmente o comportamento do verdadeiro autor da obra (que não é ele, e sim um anônimo) por este ter escrito de modo imperfeito o texto, deixando ao editor (que seria, de fato, José de Alencar) a tarefa de melhorá-lo. A carta ao leitor seria, desse modo, uma explicação das alterações feitas pelo editor.
- II. O final da introdução, indiretamente, situa o conteúdo de *Senhora* no que Alencar denominou perfis de mulher, que são narrativas de retrato social do ambiente da corte e seus costumes, que se fixam nas descrições românticas, idealizadas e até inverossímeis de mulheres fortes e independentes, que vivenciam transformações que as “melhoram”.
- III. A interpelação ao leitor feita no texto é uma jogada metalinguística convencional (muito comum no romantismo), que quer forjar uma explicação plausível às ações do romance. Essa prática se consolidou na tradição folhetinesca e marca, na obra de Alencar, a sua forte relação – mantida de modo hábil em seus textos – com o gosto e as expectativas médias do público leitor.

Assinale:

- A) Se apenas I e II estiverem corretas.
- B) Se apenas II e III estiverem corretas.**
- C) Se todas estiverem corretas.
- D) Se apenas I e III estiverem corretas.
- E) Se apenas II estiver correta.

Uma questão que versou mais sobre o Romantismo de José de Alencar, tendo como pretexto a leitura de **Senhora**.

Problemas de diagramação: provavelmente, “baixou-se” o texto da internet e ninguém se preocupou em colocar os parágrafos de modo correto. Falta de capricho.

PROVA GABARITADA PELOS PROFESSORES DO CURSO POSITIVO

VESTIBULAR PUCPR 2009/2010

Prova Manhã Nº 22



CONHECIMENTOS EXIGIDOS

Leitura da obra **Senhora** (José de Alencar)

A obra de José de Alencar

Prosa romântica brasileira

COMENTÁRIOS

- I. A afirmação está **INCORRETA** porque Alencar é realmente o autor do texto. A “Carta ao Leitor” é apenas um recurso metalinguístico para atrair a atenção do leitor. Como está dito corretamente na afirmação III.
- II. **CORRETA**. O último período do texto faz referência a qualidades e virtudes da mulher, própria das obras chamadas de “perfis femininos” do autor, como **Diva, Lucíola, A pata da gazela, A viuvinha...**
- III. **CORRETA**.
10. Leia atentamente o conteúdo dos capítulos abaixo, o primeiro retirado de *Senhora*, de José de Alencar, e o segundo de *Dom Casmurro*, de Machado de Assis:

XI

A notícia do próximo casamento de Aurélia produziu na sociedade fluminense grande assombro.

Ninguém podia capacitar-se de que essa moça, pretendida pelo creme dos noivos fluminenses, podendo escolher à vontade, entre os seus inúmeros adoradores, maridos de toda a espécie, tivesse o mau gosto de enxovalhar-se com um escrevinhador de folhetins.

O Alfredo Moreira, quando a encontrou depois da novidade, não pôde esconder o despeito:

- Então casa-se?

- É verdade.

- Afinal achou; cotação muito alta sem dúvida? replicou o elegante com ironia.

- Não, tornou-lhe a moça no mesmo tom. Ficou-me por uma ninharia.

- Ah! estimo muito. Que preço?

- Quer saber o preço?

- Estou curioso.

- Foi o seu.

O Moreira mordeu os beiços e riu-se. Apesar de tudo não perdera a derradeira esperança. O projetado casamento podia desfazer-se por qualquer

motivo, e não era difícil que a moça de um momento para outro se arrependesse da escolha com a mesma volubilidade com que a tinha feito de repente e por um capricho (...)

Seixas pelas palavras que Aurélia havia proferido tão d'alma, na ocasião de dar-lhe a mão de esposa, julgara compreender o segredo das estranhezas e oscilações do caráter da moça.

Ela duvida que eu a ame, pensou consigo. Suspeita que tenho a mira em sua riqueza. É preciso que a convença da sinceridade de minha afeição. Se ela soubesse! Um desgraçado pode sacrificar sua liberdade; mas a alma não se vende!

Fonte: ALENCAR, José de. *Senhora*. Rio de Janeiro: Ediouro, 1997, pp. 81-82.

CAPÍTULO CII/ NO CÉU

Pois sejamos felizes de uma vez, antes que o leitor pegue em si, morto de esperar, e vá espairecer a outra parte; casemo-nos. Foi em 1865, uma tarde de março, por sinal que chovia. Quando chegamos ao alto da Tijuca, onde era o nosso ninho de noivos, o céu recolheu a chuva e acendeu as estrelas, não só as já conhecidas, mas ainda as que só serão descobertas daqui a muitos séculos. Foi grande fineza e não foi única. S. Pedro, que tem as chaves do céu, abriu-nos as portas dele, fez-nos entrar, e depois de tocar-nos com o báculo, recitou alguns versículos da sua primeira epístola: "As mulheres sejam sujeitas a seus maridos... Não seja o adorno delas o enfeite dos cabelos riçados ou as rendas de ouro, mas o homem que está escondido no coração... Do mesmo modo, vós, maridos, coabitai com elas, tratando-as com honra, como a vasos mais fracos, e herdeiras convosco da graça da vida..." Em seguida, fez sinal aos anjos, e eles entoaram um trecho do cântico, tão concertadamente, que desmentiriam a hipótese do tenor italiano, se a execução fosse na terra; mas era no céu. A música ia com o texto, como se houvessem nascido juntos, à maneira de uma ópera de Wagner. Depois, visitamos uma parte daquele lugar infinito. Descansa que não farei descrição alguma, nem a língua humana possui formas idôneas para tanto.

Ao cabo, pode ser que tudo fosse um sonho, nada mais natural a um ex-seminarista que ouvir por toda a parte latim e Escritura. A verdade que Capitu, que não sabia Escritura nem latim, decorou algumas palavras, como estas, por exemplo: "Sentei-me à sombra daquele que tanto havia desejado." Quanto às de S. Pedro, disse-me no dia seguinte que estava por tudo, que eu era a única renda e o único enfeite que jamais poria em si. Ao que eu repliquei que a minha esposa teria sempre as mais finas rendas deste mundo.

Fonte: ASSIS, Machado de. *Dom Casmurro*. São Paulo: Ática, 1987, pp.-183-

184.

PROVA GABARITADA PELOS PROFESSORES DO CURSO POSITIVO

VESTIBULAR PUCPR 2009/2010

Prova Manhã Nº 22



Observe as seguintes afirmações a respeito da temática do casamento nos dois romances citados:

- I. Assumindo o ideário da estética romântica, Machado de Assis nos oferece em *Dom Casmurro* um exemplo da visão que os autores dessa tendência costumam apresentar a respeito da união matrimonial, celebrada como realização feliz da principal busca do par romântico: o amor sincero, que se consagra no casamento.
- II. No que diz respeito ao personagem Fernando Seixas, escolhido (e comprado) por Aurélia para ser seu esposo, *Senhora* é um romance sobre a redenção – pela punição sofrida – de um homem que, por interesses pessoais, despreza o verdadeiro amor. A atitude de “vender-se” é repensada ao final do livro, quando Seixas dá mostras de arrepende-se e faz por merecer o perdão de Aurélia, a qual, apesar do castigo que lhe dirigira, jamais deixara de o amar.
- III. A suspeita da traição é um ponto de aproximação dos enredos dos dois romances. Os protagonistas Aurélia (em *Senhora*) e Bentinho (em *Dom Casmurro*) casam-se com indivíduos que, após o matrimônio, lhes revelam uma grande capacidade de dissimulação, impedindo a felicidade das uniões. No livro de Alencar, Seixas, que, por escrúpulos, rejeita a oferta de dote de Aurélia, casa-se com ela, mas mantém, ao longo da narrativa, um relacionamento com Sancha, a melhor amiga da esposa. Já no livro de Machado, Capitu, que jamais escondera, quando solteira, a intenção de se casar com Bento pelo dinheiro dele – tendo recebido um grande dote da família Santiago para oficializar a união –, despreza o marido após o casamento, tendo vários amantes.

Das afirmativas citadas, contém **INCORREÇÃO**:

- A) Somente II.
- B) I e II.
- C) Somente III.
- D) II e III.
- E) I e III.

Questão fácil sobre **Dom Casmurro** (Machado de Assis) e **Senhora** (José de Alencar). A questão deveria ser um pouco mais difícil, para justificar o tempo que o aluno gastou para ler os textos transcritos, bem como as obras indicadas.

CONHECIMENTOS EXIGIDOS

Leitura da obra **Senhora** (José de Alencar)

Leitura da obra **Dom Casmurro** (Machado de Assis)

COMENTÁRIOS

- I. **INCORRETA**. Machado de Assis não “assume” o ideário da estética romântica, portanto, sua visão do casamento não se identifica com a do Romantismo. Tendo em vista o já anunciado desfecho “lamentável” desse casamento, pode-se colocar este capítulo na conta das muitas ironias que o autor lança sobre alguns dos ideais românticos.
- II. **CORRETA**. A redenção do protagonista em **Senhora** e a vitória do verdadeiro amor sobre a ganância fazem parte da mentalidade moralista e moralizante da Escola Romântica.
- II. **INCORRETA**. Há várias incorreções na afirmação. Não há suspeita de traição por parte de Aurélia, mas sim de Seixas. Seixas aceita a oferta de dote, mas não tem relacionamento com outra mulher, muito menos com Sancha, que é personagem de Machado. Capitu nunca revelou suas verdadeiras intenções.

RESPOSTA – E (uma armadilha: a questão solicitava que se indicassem as afirmações incorretas)

PROVA GABARITADA PELOS PROFESSORES DO CURSO POSITIVO

VESTIBULAR PUCPR 2009/2010

Prova Manhã Nº 22



11. Sobre *São Bernardo*, de Graciliano Ramos, pode-se **AFIRMAR**:

- A) Graciliano Ramos é um representante do romance nordestino regionalista. Nota-se, contudo, que a busca pelo psicológico é a sua diferença maior em relação aos outros autores de temática abertamente social. *São Bernardo* (1934) conta a história de um Paulo Honório, que, de modesto trabalhador rural, se torna imponente proprietário e transpõe a agressividade da prática de seus negócios para sua vida afetiva. O processo memorialístico – mediado pela intenção de escrita – que realiza no livro, nos revela um personagem psicologicamente abalado.
- B) Paulo Honório é um típico herói moderno, caracterizado pela segurança com que toma suas decisões (sempre em benefício dos mais pobres e dos empregados da fazenda São Bernardo), pela exemplaridade de seus atos e pela incorruptibilidade que demonstra, sobrevivendo, com integridade, a um meio social decaído moralmente.
- C) Em *São Bernardo*, a narração em terceira pessoa capta, de modo linear e progressivo, a história do fazendeiro Paulo Honório e descreve suas aventuras até realizar (já com cinquenta anos) o desejo de escrever um livro. Esse sonho fora várias vezes adiado em seu passado, devido a uma série de experiências negativas pelas quais passou, como o suicídio da esposa, Madalena.
- D) Anunciando, a princípio, a intenção de escrever um livro com sua história, Paulo Honório explica o seu original método: fazer a obra pela "divisão do trabalho". Para tanto, "*Padre Silvestre ficaria com a parte moral e as citações latinas; João Nogueira aceitou a ortografia e a sintaxe; prometi ao Arquimedes a composição tipográfica; para a composição literária convidei Lúcio Gomes de Azevedo Gondim, redator e diretor do 'Cruzeiro'.*" (p.7). Há pleno acordo entre as partes envolvidas e o livro, com a ajuda de todos, vem a ser escrito. Porém, é um fracasso de vendas, razão da melancolia sentida pelo protagonista.
- E) *São Bernardo* é um romance sobre a incomunicabilidade de Paulo Honório, um personagem notabilizado pela extrema dificuldade de fazer uso da fala em sua experiência social. A falta de palavras se relaciona ao sistema de poder

e ao mandonismo que prevalece na localidade em que o personagem mora. Aos mais pobres, como ele, por não ser dado o direito à posse da terra, também é retirado o direito de se expressar de modo elaborado. Nisso se tem, no livro, um retrato das relações sociais no Brasil agrário.

Uma boa questão sobre **S. Bernardo**. Um pequeno detalhe: para satisfazer o gosto do próprio Graciliano Ramos, a PUCPR deveria utilizar a expressão **S. Bernardo** e, não, São Bernardo. Sim, um pequeno detalhe, mas totalmente condizente com o estilo seco e objetivo de Graciliano.

CONHECIMENTOS EXIGIDOS

Leitura da obra **S. Bernardo** (Graciliano Ramos)
Romance Regionalista de 30 (2ª Geração Modernista)
Teoria literária

COMENTÁRIOS

- a) **Correta**. Alternativa absolutamente perfeita sobre a obra e o autor em questão.
- b) **Incorreta**. Paulo Honório não possuía essa bondade em relação a seus trabalhadores e às pessoas ao seu redor. Além disso, valia-se de meios lícitos e ilícitos para obter os seus fins.
- c) **Incorreta**. A narrativa da obra se dá em primeira pessoa, sendo Paulo Honório o personagem-narrador. A obra não se mostra numa sequência linear.
- d) **Incorreta**. De fato, o projeto inicial era escrever o livro desta forma. Porém, o projeto não foi adiante em virtude da falta de sintonia entre Paulo Honório e os outros integrantes.
- e) **Incorreta**. A análise em questão vale para Fabiano, protagonista de outra obra do autor, intitulada **Vidas secas**.

PROVA GABARITADA PELOS PROFESSORES DO CURSO POSITIVO

VESTIBULAR PUCPR 2009/2010

Prova Manhã Nº 22



12. Considere o seguinte poema de Manuel Bandeira, observando os comentários que se seguem a ele:

IRENE NO CÉU

Irene preta

Irene boa

Irene sempre de bom humor.

Imagino Irene entrando no céu:

- *Licença, meu branco!*

E São Pedro bonachão:

- *Entra, Irene. Você não precisa pedir licença.*

Fonte: BANDEIRA, Manuel: *Meus Poemas Preferidos*. Rio de Janeiro, Ediouro, 2007, p. 87.

- I. O poema é uma declaração de respeito a uma senhora negra, com destaque para os traços do seu caráter – bondade, alegria, simpatia, fidelidade. Porém, a referência ao “céu” como um espaço onde (apenas depois da morte) não há discriminação (“*Entra, Irene. Você não precisa pedir licença*”), deixa entrever as possíveis dificuldades da personagem em sua vida, o que dá a esse poema, doce e terno, também uma tonalidade de certa crítica social.
- II. “*Irene no céu*” é um poema de uma só estrofe de sete versos rigidamente metrificados. Há grande riqueza metafórica presente, por exemplo, na descrição de São Pedro como representação figurada do típico senhor de escravos e sua forma peculiar de se dirigir a seus comandados. Além disso, do ponto de vista formal, chama a atenção, no que diz respeito ao léxico, o uso de expressões eruditas e típicas da alta cultura letrada.
- III. É a linguagem do poema, com os recursos do coloquial e do discurso direto da personagem retratada, que induz o leitor a perceber tanto as ideias mais evidentes sobre o que se descreve – que Irene era amável e de bom caráter – quanto as que estão nas entrelinhas, como a suposta submissão de Irene, aprendida, talvez, na experiência da escravidão ou do preconceito racial, o que a leva a se dirigir a São Pedro dizendo “*Licença, meu branco!*”.

Assinale:

- A) Se todas estiverem corretas.
- B) Se apenas II e III estiverem corretas.
- C) Se apenas I e II estiverem corretas.
- D) Se apenas I e III estiverem corretas.
- E) Se apenas II estiver correta.

No vestibular de novembro do ano passado, a PUCPR já havia trazido uma questão com o mesmo poema de Manuel Bandeira. Como se a obra do autor se reduzisse a tão poucos textos...

CONHECIMENTOS EXIGIDOS

Compreensão e interpretação de textos literários

Teoria literária (noções de versificação)

COMENTÁRIOS

- I. **Correta.** Interpretação um pouco forçada, mas correta na essência.
- II. **Incorreta.** O poema aparece escrito em versos livres, numa linguagem de tom prosaico, o que faz dele um exemplar do Modernismo brasileiro.
- III. **Correta.** Praticamente repetiu a mesma análise observada na afirmação I.

13. Observe o fragmento abaixo retirado do conto *Tentação*, de *Felicidade Clandestina*, de Clarice Lispector:

Ela estava com soluço. E como se não bastasse a claridade das duas horas, ela era ruiva.(...) Que fazer de uma menina ruiva com soluço? Olhamo-nos sem palavras, desalento contra desalento. Na rua deserta nenhum sinal de bonde. Numa terra de morenos, ser ruivo era uma revolta involuntária. Que importava se num dia futuro sua marca ia fazê-la erguer insolente uma cabeça de mulher? Por enquanto ela estava sentada num degrau faiscante da porta, às duas horas. O que a salvava era uma bolsa velha de senhora, com alça partida. Segurava-a com um amor conjugal já habituado, apertando-a contra os joelhos.

Foi quando se aproximou a sua outra metade neste mundo, um irmão em Grajaú. A possibilidade de comunicação surgiu no ângulo quente da esquina acompanhando uma senhora, e encarnada na figura de um cão. Era um basset lindo e miserável, doce sob a sua fatalidade. Era um basset ruivo (...).

Fonte: LISPECTOR, Clarice. *Felicidade Clandestina*, Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1987, p. 123.

Aponte a afirmativa **INCORRETA** sobre esse fragmento e sobre o livro de Clarice Lispector:

PROVA GABARITADA PELOS PROFESSORES DO CURSO POSITIVO

VESTIBULAR PUCPR 2009/2010

Prova Manhã Nº 22



- A) *Tentação* é um dos vários contos de *Felicidade Clandestina* em que se narra uma experiência impactante de aprendizado vivida por uma menina. Assim como as personagens narradoras dos contos *Felicidade Clandestina* e *Os Desastres de Sofia*, a menina ruiva do conto citado procura, com algum incômodo, conhecer-se no contato com o mundo, com os outros e com seus limites.
- B) O conto metaforiza o desacerto da menina ruiva em relação ao mundo nos sinais do seu desconforto: o soluço e a brancura da pele, num dia de intenso calor, “*numa terra de morenos*”. A felicidade do encontro do basset ruivo aponta para a urgência de identificação com outro alguém no mundo, o que lhe traria a sensação de ser menos “estrangeira” e frágil na percepção de suas diferenças em relação aos demais de seu meio.
- C) O conto sugere o desconforto da própria infância, uma etapa do crescimento individual geralmente associada a vivências felizes. A menina parece mal ajustada a sua idade e às experiências próprias dela, “adiantando” ou antevendo, por seus modos e adereços (*uma bolsa velha de senhora com alça partida*), um crescimento que lhe dê uma suposta segurança no futuro (*Que importava se num dia futuro sua marca ia fazê-la erguer insolente uma cabeça de mulher?*).
- D) A frase “*Era um basset lindo e miserável, doce sob a sua fatalidade*” é um exemplo típico da escrita de Clarice Lispector, carregada de densidade poética. A frase contém uma dose de antítese ao conferir atributos contrastantes (beleza e miséria, doçura e fatalidade) para o cão. Essas forças contrárias intuídas pela menina no que percebe no cachorro têm a ver com a situação contraditória que ela mesma vive ao descobri-lo: ele é o ser com quem ela mais se identificou entre todos os que já vira até então. Porém, o cão não poderá acompanhá-la, porque já tem dona. Seu aprendizado será o de tentar conformar-se com o impossível desse contato, apesar da atração.
- E) O conto narra, de modo realista, uma história de opressão social e preconceito, vencida pela menina ao final. Da situação inicial, de criança abandonada (*sentada num degrau faiscante da porta*), a protagonista passará à redenção sinalizada pela chegada do cachorro com sua dona, a qual, numa atitude generosa, oferecerá abrigo à menina ruiva.

Questão sobre o conto mais fraco da obra.

CONHECIMENTOS EXIGIDOS

Leitura de **Felicidade clandestina** (Clarice Lispector)

Compreensão e interpretação de textos literários

COMENTÁRIOS

- a) **Correta.** É o que se nota nos contos citados e na obra em geral.
- b) **Correta.** Uma leitura bem pertinente do texto e do conto do qual foi transcrito.
- c) **Correta.** Sem comentários.
- d) **Correta.** Sem comentários.
- e) **Incorreta.** Porque, de modo geral os textos de Clarice não têm conotação social.
14. Leia o texto a seguir, um comentário sobre a forma poética adotada por João Cabral de Melo Neto em sua obra *Auto do Frade*:

Identificando alguns de seus textos como “poemas para vozes”, João Cabral de Melo Neto se notabilizou pela recuperação, em tempos atuais, da forma teatral conhecida como *Auto*. Essa é a denominação aplicada a uma representação cênica em voga na Idade Média, cujos personagens são geralmente criados como alegorias religiosas, imagens do pecado, da virtude, do demônio, dos santos. A finalidade desse tipo de criação é a moralização ou o ensinamento.

Levando isso em conta, marque o que for **CORRETO** sobre o *Auto do Frade*.

- A) Assim como em *Morte e Vida Severina*, outro de seus autos, em *Auto do Frade*, João Cabral de Melo Neto se volta à temática da santidade e da salvação da alma. Porém, se no primeiro o autor tematiza um fato histórico (a perseguição do governo republicano, no fim do século XIX, aos colonos devotos de um fanático religioso no interior da Bahia), em *Auto do Frade*, a temática é a resistência dos pequenos agricultores ao rigor da seca na caatinga.

PROVA GABARITADA PELOS PROFESSORES DO CURSO POSITIVO

VESTIBULAR PUCPR 2009/2010

Prova Manhã Nº 22



- B) O herói de *Auto do Frade* é Frei Caneca, personagem conhecido da tradição religiosa popular de Pernambuco por ser uma liderança espiritual importante do início do século XX, cultuado como milagreiro pelos mais simples e que, além da sua atuação mística, conscientizava o povo contra o governo, o que o levou à punição por enforcamento.
- C) *Auto do Frade* reproduz cenas das últimas horas de vida do Frei Caneca, a partir do momento em que sai da cela do cárcere para o Forte onde estava instalada a forca. A parte final dessa trajetória de martírio é marcada pela invasão da cadeia pelo povo, revoltado contra a covardia da execução de um inocente, já que se sabia que o crime imputado ao frade (o assassinato do governador da Paraíba, João Pessoa, em 1930, motivo deflagrador da Revolução daquele ano) foi cometido por outro homem.
- D) Em *Auto do Frade*, por meio da exaltação de um mártir da liberdade e da democracia, Frei Caneca, propagador dos ideais republicanos nos tempos de D. Pedro I, o texto se insere num debate sobre temas políticos, levando o leitor à conscientização. Trata-se, nesse sentido, de um auto destituído de debate religioso, mas que não deixa de se dirigir a uma certa moralização, por meio dos perfis éticos bem definidos do mártir (bom) e dos algozes (maus).
- E) Religioso carismático, Frei Caneca foi processado e executado em 1825. O crime de que foi acusado é o de ser republicano e separatista ao pretender “dar o Sul à gente do Sul”, desobedecendo ao Império. Trata-se de um dos nomes de destaque do processo revolucionário conhecido como Guerra dos Farrapos, deflagrado no Rio Grande do Sul no século XIX, que pleiteava a autonomia do estado sulista em relação ao poder imperial. O projeto do novo país seria baseado na lei das antigas tribos de Israel.

Bastaria o aluno ter um mínimo de conhecimentos históricos para chegar à resposta.

Esta é a típica questão que presta um desserviço à literatura: exige-se a leitura integral da obra, mas na hora do vestibular, faz-se uma questão falando apenas sobre aspectos genéricos do livro, fazendo com que o aluno leitor da obra se sinta um trouxa, pois a leitura não era necessária para a resolução.

CONHECIMENTOS EXIGIDOS

- Leitura de **Auto do frade** (João Cabral de Melo Neto)
Obra de João Cabral de Melo Neto
Teoria literária (gênero dramático)

COMENTÁRIOS

- a) **INCORRETA.** A temática de João Cabral é essencialmente regional e social.
- b) **INCORRETA.** Frei Caneca foi conhecido e condenado por ser uma liderança social e política.
- c) **INCORRETA.** Não houve rebelião popular e o crime de Frei Caneca não foi de assassinato.
- e) **INCORRETA.** A atuação de Frei Caneca foi em vários movimentos políticos em Pernambuco, mormente na Confederação do Equador.
15. Para responder à questão a seguir, leia o poema de Paulo Leminski, que consta do seu livro *Poemas*.

Marginal é quem escreve à margem,
deixando branca a página
para que a paisagem passe
e deixe tudo claro à sua passagem.

Marginal, escrever na entrelinha,
sem nunca saber direito
quem veio primeiro,
o ovo ou a galinha.

- I. O poema faz referência à poesia marginal, grupo do qual Leminski fez parte.
- II. O humor, uma das marcas da poesia leminskiana, remete o leitor ao fazer poético.
- III. É um haicai, nos moldes japoneses.
- IV. No poema, Leminski faz uma crítica à marginalização do poeta na sociedade.

- A) Apenas as assertivas I e II estão corretas.
- B) Apenas as assertivas I, II e III estão corretas.
- C) Apenas a assertiva I está correta.
- D) Todas as assertivas estão corretas.
- E) Apenas a assertiva II está correta.

Questão fácil sobre Paulo Leminski.

PROVA GABARITADA PELOS PROFESSORES DO CURSO POSITIVO

VESTIBULAR PUCPR 2009/2010

Prova Manhã Nº 22



CONHECIMENTOS EXIGIDOS

Poesia marginal dos anos 1970

Paulo Leminski

Compreensão e interpretação de textos literários

Teoria literária (versificação)

COMENTÁRIOS

- I. **Correta.** Paulo Leminski surgiu no cenário literário nacional colado à poesia marginal da década de 1970, vindo a posteriormente demonstrar uma evolução estética em sua obra.
- II. **Correta.** É o que se vê no texto e na obra deste autor paranaense.
- III. **Incorreta.** O haikai, nos moldes japoneses, possuía apenas 3 versos, sendo o primeiro e o terceiro com 5 sílabas métricas e o segundo com 7 sílabas.
- IV. **INCORRETA.** O poema é metalinguístico. Refere-se ao próprio ato da criação poética marginal.

Resposta: a

16. Leia o poema a seguir, de Cruz e Souza, para responder à questão.

SINFONIAS DO OCASO

Musselinosas como brumas diurnas
descem do ocaso as sombras harmoniosas,
sombras veladas e musselinosas para as
profundas solidões noturnas.

Sacrários virgens, sacrossantas urnas,
os céus resplendem de sidéreas rosas,
da Lua e das Estrelas majestosas
iluminando a escuridão das furnas.

Ah! por estes sinfônicos ocasos
a terra exala aromas de áureos vasos,
incensos de turíbulos divinos.

Os plenilúnios mórbidos vaporam ...
E como que no Azul plangem e choram
cítaras, harpas, bandolins, violinos ...

- I. O uso de maiúsculas no poema remete a uma característica da poesia simbolista.
 - II. A temática do soneto não é simbolista.
 - III. A sinestesia está presente nos tercetos do soneto.
 - IV. Os versos “Ó Formas alvas, brancas, Formas claras/De luares, de neves, de neblinas”, do poema *Antífona*, apresentam vocabulário que remete ao mesmo campo semântico de brumas e plenilúnios.
- A) Apenas as assertivas I e II estão corretas.
 - B) Apenas as assertivas I, III e IV estão corretas.
 - C) Apenas a assertiva I está correta.
 - D) Todas as assertivas estão corretas.
 - E) Apenas a assertiva II está correta.

Sempre uma questão sobre Simbolismo...

CONHECIMENTOS EXIGIDOS

Simbolismo

Cruz e Sousa

Compreensão e interpretação de textos literários

COMENTÁRIOS

- I. **Correta.** O mesmo item já havia sido cobrado no vestibular de junho de 2009.
- II. **Incorreta.** Linguagem sugestiva, musicalidade, uma atmosfera mais vaga... Este poema é totalmente simbolista.
- III. **Correta.** Nos tercetos, há menções a sensações tácteis, auditivas, olfativas e visuais. Trata-se de versos sinestésicos por excelência, como em “sinfônicos ocasos” (audição-visão).
- IV. **Correta.** Totalmente correto. Há, inclusive, a repetição de algumas expressões também presentes em *Antífona*, como *incensos de turíbulos*.